
Desafios no cotidiano da produção de telejornalismo regional: a construção da notícia sob a perspectiva conceitual do *Gatewatching*¹

Francisco das Chagas Sales Júnior²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Esta pesquisa buscou identificar e analisar as práticas sociais realizadas pela televisão regional, sob a perspectiva conceitual do *gatewatching*. Para isso, foi realizado um estudo de caso (Yin, 2014) de três emissoras comerciais da TV aberta da Paraíba: TV Cabo Branco, TV Tambaú e TV Correio. A investigação contou com os estudos de Bruns (2011, 2005), Traquina (2005), Becker (2021), Mesquita (2014), Alves (2022), entre outros. O estudo se justifica pela necessidade de compreender as novas práticas do telejornalismo e conseguiu identificar a hibridização de formatos e perspectivas conceituais na produção das notícias nos telejornais paraibanos.

PALAVRAS-CHAVE: Televisão regional; Telejornalismo; Notícias; *Gatewatching*; *Gatekeeping*.

INTRODUÇÃO

A partir das mudanças vivenciadas no ecossistema televisivo nos últimos anos, o telejornalismo brasileiro passou por relevantes reconfigurações com a implementação de novas práticas sociais, o uso de linguagens e a presença de atores diversos na produção das notícias audiovisuais (Becker, 2021). A disseminação de informações pela internet, por meio de redes sociais digitais, foi um dos fatores que contribuíram para essas transformações, que mudaram as rotinas produtivas das emissoras de televisão e no comportamento das audiências do jornalismo (Mesquita, 2014).

Nesse contexto de mudanças no ambiente midiático, as audiências se tornaram fontes ativas ao conquistarem papel de protagonismo na construção das notícias veiculadas pelos telejornais (Alves, 2022), reforçando uma cultura de participação no telejornalismo (Shirky, 2011), onde observamos uma quebra na centralidade do processo de produção informativa midiática. Um fenômeno que pode ser observado com maior

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jornalistafranciscojunior@gmail.com

intensidade em noticiários locais e regionais, que transmitem informações mais próximas dos telespectadores e que afetam diretamente o cotidiano deles.

Nas redações de TV, além de produtores, os profissionais também se tornam curadores dos materiais disponíveis no ciberespaço e das informações e imagens enviados pelo público (Cerqueira; Vizeu; Gomes, 2020). Com isso, observa-se que a perspectiva conceitual utilizada para a produção de notícias pelo telejornalismo também mudou, acrescentando novos elementos no processo de seleção, produção e edição das informações que são veiculadas nas emissoras de televisão.

Antes, as redações e profissionais eram os únicos responsáveis pela seleção das informações e por determinar o que teria ou não valor de notícia na televisão. Uma prática e paradigma comunicacional denominado de *gatekeeping* (Traquina, 2005). No entanto, além dessa perspectiva, na atualidade, também passaram a produzir seguindo as diretrizes que regem o que Bruns (2011, 2005) denomina de *gatematching*. Esse termo se refere às práticas jornalísticas que tem como fonte as redes sociais e espaços digitais para a produção de notícias, focando principalmente na “republicação, divulgação, contextualização e *curation* de material existente em vez do desenvolvimento de conteúdo jornalístico substancialmente novo” (Bruns, 2011, p. 126).

A partir da observação das constantes e inúmeras transformações, surgiu o questionamento: quais são os desafios nas rotinas produtivas do telejornalismo, nessa perspectiva conceitual do *gatematching*? Também surgiram outras inquietações: como essa perspectiva pode ser verificada no telejornalismo regional? Quais são as habilidades exigidas dos profissionais nesse contexto?

Com o objetivo de responder os questionamentos norteadores desta pesquisa foi realizado um estudo de caso de três emissoras comerciais da TV aberta da Paraíba: TV Cabo Branco, TV Tambaú e TV Correio. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática desta investigação e foram analisados os telejornais dos canais estudados, as postagens nas redes sociais e as publicações em sites das empresas jornalísticas selecionadas. Para esta investigação, foi adotada uma abordagem qualitativa na análise dos dados e informações coletados. Os estudos sobre essa temática se justificam pela necessidade de compreender a configuração do ecossistema telejornalístico contemporâneo e tentar projetar as transformações que poderão ocorrer nos próximos anos na televisão brasileira.

ENTRE PERSPECTIVAS: GATEKEEPING X GATEWATCHING

Pouco mais de uma década atrás, a perspectiva conceitual do *gatekeeping* ainda era dominante na produção de jornalismo no Brasil. No entanto, com a implementação, desenvolvimento e popularização da internet e, conseqüente, surgimento das redes sociais digitais, o contexto midiático passou por significativas reconfigurações, que deram origem a novas práticas no telejornalismo. As rotinas produtivas da notícia mudaram e passaram a incorporar novos elementos e atores sociais, seguindo um novo paradigma, a partir da perspectiva conceitual do *gatematching*. Mas antes de compreender melhor essas mudanças, é preciso entender como era a seleção das notícias antes da incorporação de outros elementos nesse processo.

A partir dos estudos de Traquina (2005) sobre as teorias do jornalismo e os critérios de noticiabilidade, que na perspectiva do *gatekeeping* o jornalista seria o único ou principal responsável por definir o que seria transformado ou não em notícia, é possível identificar o contexto da época em que esses conceitos foram definidos e dominaram o cenário midiático brasileiro por décadas, conforme resumido no Quadro 1.

Quadro 1 – Perspectiva conceitual do *Gatekeeping*

Gatekeeping
Comunicação massiva
Escassez de canais
Produção centralizada da notícia
Formadores de opinião
Agenda noticiosa limitada
Critérios de noticiabilidade pré-estabelecidos
Audiência presumida
Foca na produção de algo novo

Elaborado pelo autor com base em Traquina (2005)

Nesse período, observamos que o telejornalismo regional ainda era produzido de forma massiva, com informações sendo disseminadas para um público aparentemente homogêneo, com escassez de canais de comunicação e com a produção centralizada da notícia (Traquina, 2005). Dessa forma, verificamos que os jornalistas definiam o conteúdo que as pessoas teriam acesso e, por isso, eram considerados formadores de

opinião. Ou seja, a informação era produzida na perspectiva de uma pessoa ou grupo de pessoas para milhares de outras, que não tinham poder de participação ou de interferência. Nesse sentido, a agenda noticiosa era limitada, norteadas por critérios de noticiabilidade pré-estabelecidos, a partir da ideia de uma audiência presumida (Vizeu, 2009). A partir desse conceito, observamos que os jornalistas imaginavam as características e expectativas dos telespectadores para oferecer um cardápio de notícias que atendesse os anseios deles. Dessa forma, os temas selecionados e os formatos eram definidos para atender a demandas de um público comum, idealizado pelos produtores de notícias. Com isso, na grande maioria das vezes, o foco dos telejornais estava na produção de conteúdos novos e inéditos para esse telespectador imaginado. “As práticas de gatekeeping eram simplesmente uma necessidade prática: os jornais impressos e os noticiários na rádio e na televisão nunca poderiam oferecer mais do que uma seleção redigida com muito aperto das notícias do dia” (Bruns, 2021, p. 121).

Com a implementação das mídias digitais, aos poucos, esse cenário foi sendo reconfigurado e um outro paradigma se estabeleceu, diante das novas demandas e atores sociais envolvidos no processo de construção da informação. Com isso, observamos uma ampliação das possibilidades, a partir da perspectiva conceitual do *gatematching*, que vem sendo utilizada pela TV, assim como os demais meios de comunicação tradicionais.

Esta mudança foi fomentada por dois aspectos que se combinaram para substituir as práticas de gatekeeping por aquelas de *gatematching*: a multiplicação contínua dos canais disponíveis para a publicação e divulgação das notícias, especialmente desde o surgimento do World Wide Web como uma mídia popular, e o desenvolvimento dos modelos colaborativos para a participação dos usuários e para a criação de conteúdo (Bruns, 2011, p. 122)

A perspectiva conceitual do *gatematching* evidencia práticas que surgem em um contexto de comunicação pós-massiva, com abundância de canais de comunicação digital e com a produção descentralizada das notícias. Nesse cenário midiático, Bruns (2011, 2005) destaca que todos influenciam e são influenciados no ambiente virtual. O que propicia o surgimento de múltiplas agendas noticiosas, seguindo critérios de noticiabilidade mutáveis e diversos, deixando de ser estabelecidos pelos jornalistas.

Dessa forma, o foco deixa de estar na produção de conteúdos novos e inéditos e passar a ser direcionado para a republicação e curadoria de informações disponibilizadas na internet por audiências que se tornaram fontes ativas (Alves, 2022), que passam a atuar

diretamente na construção das notícias, enviando não apenas informações, mas também imagens (fotos e vídeos), que passaram a pautar os telejornais e a colaborar na elaboração de reportagens e até programas inteiros. A maioria desse material produzido com dispositivos móveis como celulares e *tablets*, contribuindo para reconfigurar a materialidade e a estética do jornalismo audiovisual.

Treinados profissionalmente na avaliação de matérias e na curation de informações, os jornalistas têm a capacidade de fazer uma contribuição significativa para os esforços colaborativos de “trabalhar a matéria” que atualmente ocorrem regularmente através da mídia social, ou mesmo de fomentar estes esforços tanto nos espaços da mídia social quanto através das suas próprias plataformas específicas (Bruns, 2011, p. 136).

Para que possamos entender as principais mudanças introduzidas a partir da das práticas jornalísticas de *gatewatching*, no Quadro 2, destacamos as características e contextos que ajudam a compreender as diferenças em relação ao *gatekeeping*.

Quadro 2 – Perspectiva conceitual do *Gatewatching*

Gatewatching
Comunicação pós-massiva
Abundância de canais
Produção descentralizada da notícia
Todos influenciam e são influenciados
Múltiplas agendas noticiosas
Critérios de noticiabilidade mutáveis
Audiência ativa
Foca na republicação e curadoria

Elaborado pelo autor com base em Bruns (2011, 2005)

Portanto, ao analisar os elementos, contextos e principais conceitos apresentados e discutidos por Bruns (2011, 2005), é possível verificar que o telejornalismo ancorado na perspectiva do *gatewatching* é produzido de muitos para muitos, enquanto que na perspectiva tradicional do *gatekeeping* a produção se dava de um para muitos. O que contribui diretamente para que novos desafios sejam enfrentados por quem produz jornalismo audiovisual na contemporaneidade. Agora, os telejornais e programas jornalísticos televisivos precisam produzir novas linguagens, experimentar novas

formatos, promover o intercâmbio de informações, atuar em um espaço infinito como é o ciberespaço e tornar o ambiente online uma extensão da TV (Becker, 2021).

HIBRIDIZAÇÃO CONCEITUAL NA TV PARAIBANA

Ao analisar as emissoras da televisão aberta paraibana, objeto de estudo desta pesquisa, foi possível verificar que ambos os canais produzem as notícias tanto na perspectiva conceitual do *gatekeeping* quanto do *gatewatching*. O que comprova um hibridismo de práticas jornalísticas, uma vez que não existe o predomínio de uma sobre a outra nem o descarte da anterior. Ambas são utilizadas em todos os telejornais e produtos jornalísticos dessas TVs, em horários e formatos televisivos variados.

Na TV Correio, afiliada da Record TV no estado, é possível verificar a manutenção da perspectiva conceitual do *gatekeeping* em produções como o Jornal da Correio, exibido à noite na programação da emissora, conforme observamos na Imagem 1. O telejornal mantém formatos tradicionais, pautados pelos profissionais da redação e com imagens captadas por equipes próprias. No entanto, também é possível verificar que existem produções realizadas com a colaboração do público ou retiradas das redes sociais digitais. Uma configuração que evidencia as práticas sociais inerentes à produção de telejornalismo na contemporaneidade.

Imagem 1 – Apresentação do Jornal da Correio



Reprodução / TV Correio (2024)

Nas emissoras analisadas por este estudo, a perspectiva do *gatewatching* pode ser observada em produções como reportagens gravadas que contam com o material colaborativo enviado pelos telespectadores, notas cobertas que contam com imagens de redes sociais e entrevistas ao vivo, pautadas a partir de uma postagem na internet e que teve grande repercussão junto à determinados grupos da sociedade. Isso demonstra que todos os formatos podem ser produzidos a partir desse paradigma conceitual, mesmo que ainda mantendo parcialmente as características conceituais do *gatekeeping*.

Na TV Cabo Branco, afiliada da TV Globo no estado, o plantão exibido na programação da emissora sobre um acidente de trem é um exemplo disso, como observamos na Imagem 2. A entrada ao vivo começa com imagens gravadas com o celular por um dos passageiros e postadas nas redes sociais. A notícia começou a ser pautada e construída a partir dessa colaboração amadora, realizada por uma das testemunhas do fato narrado. O que comprova o poder de repercussão das redes sociais digitais e como elas contribuído para a criação de novas formas de agendamento midiático.

Imagem 2 – Plantão da TV Cabo Branco mostrando um acidente de trem



Reprodução / TV Cabo Branco (2024)

Apesar de a notícias tem sido pautada por postagens na internet e a transmissão ao vivo iniciada com imagens amadoras, o plantão da TV Cabo Branco sobre o assunto também contou com material produzido pelas equipes de jornalismo da emissora. Após as informações iniciais sobre o acidente, foi a vez de mostrar o hospital para onde as vítimas foram socorridas e os desdobramentos do fato. Tudo isso com imagens próprias

e atuação direta dos profissionais da afiliada da TV Globo no estado da Paraíba. Essa prática do telejornalismo na atualidade evidencia um formato híbrido de produção televisiva, onde tanto a perspectiva conceitual tradicional do *gatekeeping* quanto a contemporânea do *gatewatching* estão presentes.

Além da mistura de perspectivas conceituais, nas emissoras analisadas, identificamos que as produções informativas na TV paraibana também se modernizaram e algumas delas são realizadas exclusivamente a partir de material colaborativo e com o auxílio de dispositivos móveis. Na Imagem 3, é possível verificar um exemplo de como a perspectiva do *gatewatching* tem pautado a construção das notícias no telejornalismo brasileiro. Uma entrevista realizada pela TV Tambaú, afiliada do SBT no estado, por meio de chamada de chamada de vídeo, falando sobre uma atleta paraibana que não teve direito a um auxílio do Governo Federal de incentivo aos esportistas brasileiros. A denúncia foi feita pela mãe dela em uma postagem no Instagram. A partir da repercussão no ambiente virtual, a televisão se interessou pelo assunto e realizou a entrevista ao vivo para todo o estado, dando mais detalhes sobre o caso.

Imagem 3 – Entrevista pautada a partir de uma postagem nas redes sociais



Reprodução / TV Tambaú (2024)

Dessa forma, ao analisar os telejornais da televisão paraibana, observamos a emergência de constantes e intensas mudanças nas rotinas produtivas do telejornalismo regional. Um fenômeno resultante da implementação dos dispositivos digitais e da intensificação da participação do público na construção da notícia. Como consequência

dessa reconfiguração das práticas sociais do jornalismo na TV, novas habilidades passaram a ser exigidas dos jornalistas nas emissoras de televisão.

DESAFIOS DO TELEJORNALISMO REGIONAL

O contexto verificado nas emissoras de TV paraibanas confirma a reconfiguração das práticas sociais do telejornalismo, que já foi sentida em fases anteriores da televisão, no entanto, nos últimos, foram atualizadas para atender as demandas do mercado e do público. Observamos que com a Pandemia do Covid-19, outras alterações foram surgindo, como a gravação de entrevistas por chamada de vídeo e os pedidos de envio de vídeos com depoimentos dos entrevistados, quando a conversa não podia ser *online* e de forma síncrona.

De acordo com Silva (2018), atualmente vivenciamos uma fase denominada de “Telejornalismo Imersivo”, onde o repórter participa das ações que narra e compartilha das experiências vividas. Esta tem sido uma das expectativas do telespectador, que anseia por uma linguagem informal e natural, com as marcas de personalidade que autenticam e humanizam os relatos. Anteriormente, já passamos pelo “Telejornalismo Expandido” e pelo “Telejornalismo Convergido”, que foram momentos em que os profissionais passaram utilizar novas tecnologias e a compartilhar conteúdo em outras mídias.

Diante da convergência com as mídias digitais, outras competências profissionais se tornaram habilidades esperadas e/ou exigidas dos telejornalistas. Uma delas foi a capacidade de ser multitarefa, ou seja, executar atividades que antes seriam atribuídas a uma equipe completa (pauteiro, produtor, repórter, editor e cinegrafista). Salaverría Alliaga (2009) identifica três tipos de polivalência no jornalismo contemporâneo: “polivalência profissional”, quando o profissional assume múltiplas funções nas redações; “polivalência temática”, com a multiplicidade de temas trabalhados pelo jornalista ao mesmo tempo; e “polivalência midiática”, com o profissional produzindo notícias para diferentes meios da empresa.

Portanto, é nesse esse cenário midiático que verificamos ainda mais a exigência de novas competências técnicas dos jornalistas, como o enquadramento das imagens, a destreza no manuseio de equipamentos de iluminação e som e o uso de computadores e plataformas conectadas à internet. Becker (2016) destaca ainda que a utilização de dispositivos móveis e a experimentação de formatos contribuíram para criar uma

aproximação com o público e formatar uma nova estética para a TV, bem próxima da linguagem dos meios digitais.

Verificamos que a mudança de perspectiva conceitual levou a uma reconfiguração das principais rotinas produtivas do jornalismo televisivo. Agora, a distribuição do conteúdo ocorre em diferentes mídias. O monitoramento de redes sociais, incluindo coleta, processamento e interpretação de dados, passou a ser constante e primordial para a construção da notícia na televisão. Para isso, as emissoras de TV contam com a utilização de softwares e algoritmos, criam e mantêm canais de interação constante com o público e produz conteúdos para as mídias digitais (Mesquita, 2014).

Nesse contexto, verificamos ainda que novas habilidades passam a ser exigidas dos profissionais que produzem o telejornalismo regional no Brasil, principalmente durante e após a Pandemia da Covid-19 (Cerqueira; Vizeu; Gomes, 2020). Com isso, os jornalistas precisam desempenhar múltiplas tarefas, identificar fontes diversas, produzir para mídias diferentes, conhecer as funcionalidades das novas tecnologias, processar uma grande quantidade de dados, implementar técnicas de apuração e checagem mais rigorosas e adquirir ou demonstrar certa facilidade na exposição de conteúdos, não apenas na televisão, mas também nos ambientes digitais.

Dessa forma, a partir da hibridização das produções e do surgimento de novos suportes tecnológicos, o conceito de telejornalismo foi sendo reconstruindo. Conforme Emerim (2017), deixou de ser apenas o jornalismo produzido para a televisão e para ser assistido em um televisor, passando a ser também um produto jornalístico voltado para as diversas telas (computador, celular, *tablet*, entre outros). Apesar dessas incorporações, acreditamos que ainda segue uma gramática que é própria desse meio, porém atualizada pelos fenômenos que vem sendo observados na contemporaneidade.

Em meio às transformações, o jornalismo televisivo passou por outras reconfigurações sociais relevantes. Além de novas construções narrativas, esse fenômeno ocasionou novas formas de entendimento do mundo que nos cerca, interviu na organização social e modificou a expressão de valores e de identidades, criando novas formas de sociabilidade (Becker, 2016).

Apesar dessas mudanças, o telejornalismo ainda exerce um papel fundamental na vida das pessoas e, segundo Vizeu (2009), é visto como lugar de referência e segurança. Afinal, simula um ambiente parecido com aqueles criados por instituições de confiança como família, amigos, religião e escola. É a partir dessa produção de sentidos que o

telejornal se consolida como um espaço de credibilidade, contextualização e ressignificação da realidade.

A partir desse conceito, podemos compreender também que o telejornalismo exerce uma função pedagógica na sociedade contemporânea, conforme destaca Cerqueira (2018). Esta característica é permeada por três fatores: a construção de saberes, o uso de linguagens inclusivas e a utilização de dispositivos pedagógicos. São esses elementos que contribuem para que o jornalismo televisivo possa tornar os acontecimentos cotidianos compreensíveis, aproximar realidades distantes e promover a cidadania.

Diante desses fenômenos, é possível identificar as mudanças que ocorreram e projetar as que estão por vir na produção de telejornalismo. O uso de inteligência artificial nas rotinas do telejornalismo é uma delas. Tarefas como coleta de informações, seleção e definição de pautas, análise de dados, produção e edição de imagens e escrita de textos, poderão ser feitos com a utilização de sistemas tecnológicos avançados, como ressaltam Piccinin, Mello e Emirim (2023). No entanto, apesar da tecnologia realizar grande parte dessas ações, a presença humana se tornará indispensável nesse processo. Acredito que caberá ao jornalista o trabalho de revisão e análise do material, seguindo sempre os princípios deontológicos e éticos inerentes ao compromisso social do jornalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das emissoras de televisão da Paraíba, selecionadas como objeto empírico desta pesquisa, foi possível verificar uma reconfiguração nas rotinas produtivas da notícia. Novas práticas sociais, implementadas principalmente durante a Pandemia da Covid-19, foram incorporadas na produção dos telejornais e na atualidade fazem parte dos elementos utilizados para a disseminação de informações na televisão. Além de uma quantidade considerável de notícias, os noticiários apresentam uma perspectiva estética e linguagens que se aproximam das que são características dos ambientes virtuais como as redes sociais digitais. Nesse contexto, observamos que o telejornalismo regional passou por uma ruptura conceitual, que modificou a forma como a notícia é produzida, distribuída e consumida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Kellyanne Carvalho. **Fontes ativas**: colaboração das audiências ativas nos telejornais do Brasil e Espanha. São Paulo: Mentis Abertas, 2022.

BECKER, Beatriz. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da Covid-19. **Lumina**, v. 15, n. 3, p. 6-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300> Acesso em: 24 jun. 2024.

_____. **Televisão e telejornalismo**: transições. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real**: novos desafios para o jornalismo. *Brazilian journalism research*, v. 7, n. 2, p. 119-140, 2011.

_____. **Gatewatching**: Collaborative online news production. Peter Lang, 2005.

CANAVILHAS, João. Epistemology of mobile journalism. A review. **Profesional de la información**, 2021, v. 30, n. 1.

CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo Pereira; GOMES, Elane. **Curadoria, mediação e função pedagógica**: a centralidade do telejornalismo na pandemia. *In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*, 2020.

CERQUEIRA, Laerte. **A função pedagógica do Telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2018.

EMERIM, Cárlica. **Telejornalismo ou jornalismo para telas**: a proposta de um campo de estudos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 14, nº 2., jul./dez. 2017.

MESQUITA, Giovana Borges. **Intervenho, logo existo**: a Audiência Potente e as novas relações no Jornalismo. Tese (Doutorado em Comunicação) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13152> Acesso em: 24 jun. 2024.

PICCININ, Fabiana; SILVA, Edna de Mello; EMERIM, Cárlica. **O telejornal das velhas narrativas está na IA**: análise de uma experiência com conteúdos generativos. *In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023*, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/o-telejornal-das-velhas-narrativas-esta-na-ia-analise-de-uma-experiencia-com-con?lang=pt-br>. Acesso em: 7 out. 2024.

SALAVERRÍA ALLIAGA, Ramón. Los medios de comunicación ante la convergencia digital. *In: Actas del I Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0* (CD-Rom), Bilbao, 2009, P. 11-13. Disponível em: https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5099/1/Ramon_Salaverria.pdf Acesso em: 30 mar. 2024.

SHIRKY, Clay. **Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro:Zahar, 2011.

SALES JÚNIOR, Francisco das Chagas Sales; KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. Telejornalismo de bolso: A notícia regional de TV produzida com o celular. *In: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023*, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/telejornalismo-de-bolso-a-noticia-regional-de-tv-produzida-com-o-celular?lang=pt-br>. Acesso em: 7 out. 2024.

SILVA, Edna de Melo. Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica. *In*: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Illuska; FINGER, Crisrtiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19-36.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. *Revista FAMECOS*, 16(40), 77–83, 2009.